

SEJA BEM-VINDO E BOA VIAGEM! ENSAIO ACERCA DO SIGNIFICADO DOS PORTAIS NA PAISAGEM DAS RODOVIAS PARANAENSES

WELCOME AND HAVE A GOOD TRIP! A PAPER ABOUT THE GATEWAYS SIGNIFICATION IN THE LANDSCAPE OF THE PARANÁ STATE ROADS, BRAZIL

Alessandro Filla Rosaneli
Gabriela Pereira Mendonça de Almeida

1

RESUMO

A paisagem é uma construção coletiva e se constitui como resultado de disputas entre grupos que procuram marcar o mundo de acordo com suas concepções. No universo urbano, inscrições no território podem assumir variada compleição e apresentar distintos níveis de significação, como marcos urbanos e/ou monumentos. Em razão da marcante presença de portais instalados nas rodovias paranaenses, este texto tem o objetivo de instigar juízos acerca da sua contribuição para a conformação da paisagem. Para tanto, a partir de sucintos apontamentos sobre a categoria de paisagem e o conceito de monumento, apresenta-se uma classificação e uma sucinta descrição desses portais com vistas a identificá-los como elementos representantes de nosso estágio comunal. Trata-se de resultado de inquietação que se consolidou por varredura digital exploratória das entradas rodoviárias dos municípios do Paraná no Google Street View, alimentado por notícias disponíveis na internet.

Palavras-chave: Paisagem, Marco urbano, Monumento, Portais rodoviários, Estado do Paraná.

ABSTRACT

The landscape is a collective construction and is shaped as a result of disputes between groups that seek to mark the world according to their conception. In the urban universe, inscriptions in the territory can assume a varied complexion and present different levels of significance, such as urban landmarks and/or monuments. Due to the marked presence of gateways installed on the highways of Paraná, the following text has the intention of promoting reflections about its contribution to the conformation of the landscape. To do so, from a brief reflection on the conceptual category of landscape and the concept of monument, it is presented a classification and a brief description of these gateways to identifying them as representative elements of our communal stage. This article is a result of a concern that was consolidated by exploratory digital scanning of the entrances of the Paraná municipalities in Google Street View, powered by news available on the Internet.

Keywords: Landscape, Urban landmark, Monument, Road gateways, Paraná State.



<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.165973>

Paisag. Ambiente: Ensaio, São Paulo, v. 32, n. 47, e165973, 2021 .

1. INQUIETAÇÕES INICIAIS

Na cidade, todos os edifícios, sem exclusão de nenhum, são representativos e, com frequência, representam as malformações, as contradições, as vergonhas da comunidade (ARGAN, 1993: 243).

O presente texto nasceu de intrigante constatação advinda de viagens pela hinterlândia paranaense: a frequente presença de portais que se destacam na paisagem na entrada rodoviária dos municípios desse estado. A quantidade de situações que se encontra por essas estradas atesta que tal prática poderia ser considerada corriqueira e, de certa maneira, até desejável pela comunidade local. Seria, conseqüentemente, entendida como uma conquista? Certamente, tal costume não é exclusivo do Paraná. Por anos, o Ministério do Turismo tem custeado esses empreendimentos com a justificativa de desenvolvimento e promoção da atividade turística, como ainda se apreende na última portaria ministerial (BRASIL, 2016). E notícias sobre esse acontecimento são constantes na mídia, por vezes, de forma tragicômica¹.

Mas, para além das questões de ordem administrativa e/ou orçamentária, tal situação pode ser considerada como emblemática para discutir outro assunto, de peculiar envergadura: de que modo nossa paisagem tem sido conformada e quais as marcas que estamos projetando sobre o território nacional. Ainda que o conceito de paisagem seja difuso, não seria exagero afirmar que, em uma primeira camada interpretativa, ligada à percepção visual, tais empreendimentos são absorvidos pelas pessoas da comunidade local como marcos que sintetizam uma ideia comum de beleza e singularidade, de um lugar habitado por “comunidades coerentes e homogêneas” (MASSEY, 2000, p. 117). Seriam refúgios na “feitura” do mundo em que vivemos? Convertem-se, portanto, em monumentos erigidos para fomentar uma reme-

moração entusiástica em diversas dimensões: estética, histórica, econômica, política, religiosa ou tudo isso junto.

As proporções que tais estruturas têm atingido na contemporaneidade desafiam as tentativas apressadas de definição. Assumindo como referência inicial a classificação da Associação Brasileira de Normas Técnicas disposta na NBR 9283/1986 (revogada recentemente, em 2014), seriam exemplares de mobiliário urbano; contudo, alguns casos permitem validá-los como verdadeiros objetos arquitetônicos, com desígnio de abrigar variadas funções e transmitir certos significados, para além de sua perspectiva figurativa original. Assim, no complexo sistema cultural urbano, esses elementos construídos podem ser considerados como representações dessa criação coletiva que é a paisagem.

Ao mesmo tempo, constituem um modo de diálogo com o tempo, pois rememoram ações simbólicas amplamente utilizadas ao longo da história como forma de expressar intencional mensagem para aqueles afetados por sua imagem. Portanto, informam, comunicam, ensinam, impõem; caberia indagar, então: o que podemos apreender dessas construções? Na tentativa de descortinar esse panorama, e com o propósito de provocar mais que oferecer um resultado conclusivo, inicial e sucintamente, alguns conceitos que emergem dessa discussão serão resgatados. Em seguida, apresenta-se uma possível classificação e uma breve descrição para os portais que provocaram a inquietação, retomada ao final.

2. MARCOS E MARCAS NA PAISAGEM

Demarcar é humano. E um dos marcos mais antigos que nossos ancestrais cravaram na paisagem foram pedras. Conhecidas genericamente como megálitos e nomeadas como menires quando erigidas a prumo, seriam um dos objetos mais simples e mais densos de significado de toda a Idade da Pedra (CARERI, 2013, p. 52); assinalam também o instante em que os antepassados deixavam de ser habitantes da paisagem para se transformarem em construtores da própria paisagem, guardando provavelmente a memória do início das práticas agrícolas, de acordo com Panzini

¹ Relembre-se o caso do portal do município de Americana (SP) – Portal Princesa Tecelã – que provocou reações contrárias dos cidadãos em função das esculturas que ladeavam a via, sendo parcialmente demolido em 2010. Da mesma forma, o portal do município de Carapicuíba (SP), cuja inscrição com motivos religiosos causou celeuma entre os residentes, em 2012. Em outros casos, como o de Macuco (RJ), Eldorado, Praia Grande, Mongaguá e Socorro (SP), a preocupação com a segurança viária é a questão central.

(2013, p. 28-34). Nesse sentido, seriam uma tentativa de compreender a ordem cósmica e interpretar a sazonalidade da natureza, verdadeiros “calendários de pedra”.

Ao mesmo tempo, como primeiro objeto situado na paisagem humana, Careri (2013, p. 54) destaca que, provavelmente, também poderiam ser sinais ao longo de grandes caminhos: “É bastante provável que os menires funcionassem como um sistema de orientação territorial facilmente inteligível para quem conhecia a sua linguagem: uma espécie de guia esculpido na paisagem [...]”. De qualquer forma, esses marcos teriam vital importância para a orientação sócio-espacial; não seriam irrelevantes. Atestam a gênese de um costume que se enraizou através da história – talvez uma necessidade – de lidar com ambiente que nos cerca de maneira prática e também simbólica.

Milhares de anos adiante, já no universo urbano, essa inscrição no território tem assumido variada compleição, obra humana ou não: uma árvore antiga e frondosa, uma edificação destacada das demais, um chamativo mobiliário urbano ou até mesmo um sinal luminoso rodoviário, esse último referenciando a provocação tratada por Venturi, Brown e Izenour (2003), dentre tantos exemplos possíveis. Sobre tal questão, Lynch (1997) traz valiosa perspectiva para a compreensão do papel que marcos podem assumir no contexto urbano.

Ao reconhecer a multiplicidade de fatores na construção de uma imagem pública da cidade, esse autor aponta que existiriam indicadores sensoriais que emanam do ambiente externo e, questão central de sua obra, uma participação ativa e criativa, prática e emocional do observador, selecionando, organizando e significando aquilo que vivencia; assim, de certa forma, seríamos “manipuladores do ambiente físico”. No conjunto de interações entre observadores e ambientes, emanariam imagens mentais comuns sobre a dimensão física da realidade, que poderiam ser compartimentadas em cinco elementos: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. E quanto mais fácil essas partes puderem ser reconhecidas e organizadas em um modelo coerente, maior seria a qualidade visual – a “legibilidade” – da cidade.

Outra importante definição que Lynch (1997, p. 11) elabora é sobre a “imaginabilidade”, quer seja, “a característica, em um objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado”. Essa propriedade do objeto facilitaria a criação de uma imagem mental distintiva do ambiente, uma vez que seria nítido e intensamente presente aos sentidos. Existiria um risco, entretanto, a esse poder catalisador da imagem: quando óbvia, logo se tornaria enfadonha, diminuindo a sua capacidade de evocação.

Para se ater ao elemento que se discute neste trabalho, os marcos seriam pontos de referência externos ao observador, um objeto concreto cuja visibilidade deve ser marcante, singular; desse modo, “único e memorável no contexto”, poderia funcionar como “guia” (LYNCH, 1997, p. 88), guardando aqui proximidade com o que Francesco Careri apontou para os menires. Para tanto, a relação desse elemento com o entorno seria determinante para seu sucesso imagético, pois quanto maior o contraste com seu pano de fundo, mais fácil se torna sua identificação e proeminência. E associações podem engrandecer ainda mais a importância dos marcos; por exemplo, quando se agrega uma história ou um significado a essa função orientadora, a união das dimensões simbólica e o visual ampliariam o seu valor referencial. Contudo, dado esse destaque na paisagem, caberia perguntar: todo marco pode ser considerado um monumento?

A contribuição que sustenta o atual entendimento acerca do conceito de monumento já é mais que centenária. Alois Riegl (1858-1905) foi pioneiro na discussão dessa problemática (KERSTEN, 2000). A distinção entre monumento e monumento histórico e os diferentes tipos de valores passíveis de serem atribuídos a esses foi de fundamental importância para consolidar a instituição das práticas de resguardo do patrimônio. Contudo, a definição de monumento, preocupação secundária de sua obra, é o que mais interessa aqui. Para tanto, as observações de Choay (2001, p. 17-27), inicialmente, mostram-se apropriadas.

Pela etimologia, a palavra monumento está marcadamente ligada à memória e, assim, caracteriza-se pela sua natureza afetiva,

que apresenta uma informação carregada de emoção. Essa especificidade do monumento, pelo expediente de atuação sobre a memória, ativa o passado como se fosse presente: “[...] esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de modo direto, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar”. Por isso mesmo, torna-se um dispositivo de segurança, pois “constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos”, o que leva a autora a destacar sua “função antropológica”. Ademais, adverte que, apesar de sua universalidade, presente em todas as sociedades e continentes, o papel do monumento, para fins de rememoração, tem perdido progressivamente sua importância e está praticamente fora de uso nas sociedades ocidentais “desenvolvidas”. Contraditoriamente, não é isso que se enxerga no interior do Paraná, como se verá adiante.

4

Côrrea (2005, p. 11-35), por sua vez, ao resgatar a produção de vários geógrafos sobre esse assunto, ressalta que os monumentos possuem inequívoco sentido político, para além da dimensão estética, pois “são poderosos meios de comunicar valores, crenças, utopias e afirmar o poder daqueles que os construíram”. Imóveis, permanentemente transmitem a mensagem concebida e, por isso, sua localização – ou relação com a paisagem – também deve ser compreendida como estratégia para realçar seu domínio, por meio da visibilidade e acessibilidade, além de movimentar o potencial simbólico de seu entorno imediato, de acordo com quem o afiança.

Portanto, conclui-se que nem todo marco pode ser considerado um monumento; mas, ao contrário, todo monumento é – ou tem potencial para ser – um marco na paisagem. E, diante do alargamento daquilo que se entende como bem cultural, desde a Carta de Veneza de 1964, abarcando a relação entre objeto e entorno, é imprescindível ressaltar como a ideia de paisagem tem adquirido relevante posição no atual estágio de compreensão de como se dá tal ambientação. De largada, já se expõe a dificuldade: não é um conceito fácil de se delimitar, tem sido abordado por vários

campos disciplinares e ainda é associado a outras ideias que amplificam certa confusão (BESSE, 2014; BARTALINI, 2013; RIBEIRO, 2007; MEINIG, 2003). Por conseguinte, a escolha de uma visada auxilia em ilustrar melhor a questão da relação objeto-paisagem que se discute. Nesse sentido, os escritos do geógrafo inglês Denis Cosgrove² contribuem para elucidar alguns aspectos dessa maneira de experimentar o mundo, especialmente quando a correlaciona com a cultura e o simbolismo.

Para esse autor, a paisagem, ao ser entendida como um produto cultural e uma forma simbólica impregnada de significados, conforma as tensões advindas das divisões sociais existentes na sociedade. Existiriam, nesse raciocínio, paisagens das culturas dominantes, residuais, emergentes e excluídas, todas encontrando alguma expressão no espaço, mas não em simetria: “um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, [...] Isto é melhor concretizado quando é menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum” (Cosgrove, 1998: 104-105). Resulta-se, então, em situação na qual os grupos dominantes estabelecem suas normas culturais e seus valores para toda a sociedade, sendo a paisagem um veículo para essa tênue comunicação. Trata-se de um entendimento mais político que o geógrafo, de acordo com Corrêa (2011, p. 12), enriquece o debate sobre a paisagem.

Mas será que essa transmissão é realmente eficaz? Para Duncan (1991, p. 106-122), cuja contribuição também se constrói na perspectiva da nova geografia cultural, um dos elementos centrais em um sistema cultural seria a paisagem, que pode funcionar como “poderosa ferramenta ideológica”. Nesse aspecto, compreendida como “texto”, um documento aberto a múltiplas leituras, a paisagem atuaria tal qual um veículo concreto de sutil e gradual persuasão. O geógrafo denominou de “retórica da paisagem” os mecanismos utilizados para tal significação, indicando o processo ativo que as paisagens desempenham na contestação

² Corrêa (2011) traz importante contextualização da obra do referido autor britânico no que se refere ao tema da paisagem.

ou, sobretudo, na reprodução das ideologias, das práticas políticas ou sociais e das relações de poder. De ambos os autores, cada qual com seu impulso epistemológico, emerge a evidência de que a paisagem não se constrói neutra, imparcial, asséptica ou meramente funcional, mas que se consubstancia como resultado de disputas entre grupos que procuram marcar o mundo de acordo com sua concepção.

Besse (2014, p. 14-36), ao indicar as possíveis entradas para a compreensão dos variados e, por vezes articulados, sentidos que o conceito de paisagem encerra, de certa forma, contribui para assentar a perspectiva que aqui se procura estabelecer, quando reconhece que a análise de suas “categorias” pode refletir o “discurso” encarnado, promovendo “uma interrogação geral sobre a sociedade”. Dessa forma, os motivos econômicos, políticos e culturais, para além do estético, tornam-se inscrições que se superpõem na superfície da Terra e expressam as vicissitudes daqueles que habitam o mundo. Tal qual uma “composição”, na acepção de Nogué (2007, p. 11-12), em sua materialidade permite indagar sobre os valores e significados a ela amalgamados.

A sucinta recuperação apresentada, longe de esgotar as possibilidades que os conceitos tratados apontam, permite construir um rol de questões fundamentais para a análise dessas experiências rodoviárias no Paraná: quais préstimos realmente teriam? Orientariam e também resguardariam a identidade comunal? Possuiriam a capacidade de evocar uma imagem marcante no observador? De que forma seriam memoráveis? Seriam símbolos compartilhados por todos da comunidade?

3. PORTAIS COMO REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO-TEMPO

Portais intentam constituir uma passagem simbólica para outro mundo, dimensão e/ou estado de espírito. Já é corriqueira a cena em que um personagem tem diante de si uma possibilidade de drástica mudança espaço-tempo pela comunicação com um universo paralelo, quer seja através de um espelho, uma televisão

ou por um buraco qualquer³. No universo arquitetônico, assemelham-se às soleiras e alpendres (HERTZBERGER, 1996, p. 32-35), às portas e aos portões e têm sido utilizados de forma bastante difundida na história.

Kostof (1999, p. 266-271) assinala a origem clássica de monumentos isolados na malha urbana, como os arcos triunfais, colunas e estatuárias comemorativas, quando trata da sua recuperação barroco-renascentista, a partir do século XVI. Sobre o primeiro tipo, o referido autor destaca que foram adquirindo gradativa complexidade formal, de simples pórticos para uma versão monumental, cuja articulação entre arquivoltas e colunas eram enriquecidas com ornamentação em relevo, sobretudo no período imperial romano. Erigidos dentro das cidades e em estradas imperiais, tinham propósito celebrativo, quer seja para comemorar uma vitória, louvar uma visita ilustre ou uma passagem marcante. Assim, ofereciam clara e incessante mensagem política, para um conjunto de iletrados, sobre as conquistas e os triunfos de seus líderes.

A arqueologia também tem ajudado a iluminar essa questão. Hirata (2009, p. 121-122), apoiando-se em trabalhos da corrente pós-processualista, compreende que a forma e a disposição de estruturas arquitetônicas na paisagem constituem-se em uma “via de comunicação” entre grupos sociais integrantes de uma dada sociedade: “São edificações que testemunham como esses detentores do poder conseguem dispor de habilidosos artesãos, uma grande monta de recursos materiais e massivas quantidades de trabalho para realizar essas obras”. Consequentemente, tais monumentos, seriam a “manifestação visual da ideologia”, que expressam “objetivos propagandísticos-ideológicos dos governos tirânicos”. Argan (1993, p. 244) apresenta semelhante perspectiva, já que a cidade como sistema de informação e de comunicação emprega em seus monumentos uma carga comemorativa, didática e também ideológica.

³ A lista seria infundável, mas pode ser composta por contos de fada (Branca de Neve, dos irmãos Grimm, e Alice no País das Maravilhas, de Charles L. Dodgson, sob o pseudônimo de Lewis Carrow), filmes de ficção científica (Star Trek, de Harlan Ellison), de terror (Poltergeist, de Steven Spielberg), dentre muitos.

A fascinação contemporânea pelos portais se difunde pelos quatro cantos do mundo. Certamente, o Arco do Triunfo parisiense, erigido em memória das vitórias napoleônicas no início do século XIX, tornou-se uma referência, inspirando ambições: desde o monumento projetado por Albert Speer para a Berlim nazista (não construído) até o portal norte-coreano em Pyongyang (1982), ambos tinham como desígnio a superação física do modelo francês. O irônico é que em solo franco se eleva o maior de todos, o Grande Arco de La Défense, ainda que incorporando outras funções. Sem dúvida, guardam os mesmos preceitos de representação de poder de seus predecessores clássicos.

Por outro lado, estruturas de passagem também podem servir a outras causas e a porção asiática do globo tem longa tradição em transformá-las em marcos simbólicos de alteração entre as dimensões profana e sagrada, uma forma de purificação da caminhada. Mas, apesar da mesma função, a torana indiana, o torii japonês, o hongsalmun e iljumun coreanos e o paifang chinês apresentam grande variação estrutural e formal entre si, por vezes com estupenda riqueza de detalhes. Fora do Oriente, é comum encontrar um paifang delimitando a transição para uma Chinatown ou um torii em uma rua ou praça brasileira, como símbolo de celebração de amizade entre povos; o propósito é outro daquele original, entretanto.

4. OS PORTAIS DE ENTRADA DOS MUNICÍPIOS DO PARANÁ

O procedimento empregado para se captar a realidade das estruturas de passagem paranaenses adveio de varredura digital exploratória das rodovias do Estado durante o mês de julho de 2016 por meio do recurso Google Street View no Google Maps, guiando-se também por notícias disponíveis na internet. Em princípio, todas as entradas rodoviárias dos 399 municípios do Paraná foram virtualmente percorridas, embora a base geográfica consultada não seja uniforme nem atualizada, o que talvez não represente fielmente o conjunto implantado. Contudo, longe de um propósito estatístico-quantitativo, o desassossego original se mostrou fundamentado:

a amostra coletada demonstra que a construção de portais nas rodovias alcança em torno de 1/4 desses municípios e o mapa da Figura 01 ilustra a disseminação do fenômeno.

No caso paranaense, as marcas na paisagem se comportam como alegorias, pois narram uma história, na qual diferentes técnicas construtivas e diversos materiais são empregados: alvenaria, concreto armado, fibrocimento e estruturas metálicas se mesclam pelas rodovias, mas também indicam como a evolução tecnológica contribuiu para dar forma às representações construídas. Do mesmo modo, as dimensões sinalizam esse desenvolvimento: de singelas inscrições textuais implantadas à beira da estrada, décadas atrás, às edificações polifuncionais da atualidade, supõe-se que a possibilidade (facilidade?) de obter recursos públicos seja uma das inspirações para tal alteração.

De fato, a paisagem rodoviária estadual não abriga somente portais. Distintos tipos de estruturas que expõem o nome do município são tão comuns quanto os primeiros e letreiros horizontais implantados rês ao chão apresentam-se como os mais presentes nas estradas do Paraná (Figura 02). Aprumado, seu correspondente em altura são os totens, nos mais variados formatos e tamanhos, que também desempenham a função de referências verticais em um contexto de trânsito rápido (Figura 03). Esse tipo talvez seja um dos mais disseminados nacionalmente, em razão da ação dos vários clubes de serviço em atividade no país. Ambos, entretanto, possuem como principal desígnio informar onde se encontra.

Um terceiro, e chamativo, tipo de arranjo espacial implantado nesses caminhos viários, se constitui por cópias volumétricas, ampliadas ou reduzidas, de objetos representativos. Muitas vezes, mesclam os artifícios dos outros esquemas, com vistas a obter maior apelo imagético. Da mesma forma, emprega-se o uso de suportes – colunas e pedestais – para reforçar a expressão desejada. Em geral, esses marcos inspiram-se na economia regional (Figuras 04 e 05), na história local (Figura 06) ou em aspectos religiosos (Figura 07) – eminentemente católicos – com o propósito de transmitir uma mensagem que extrapola a informação espacial, por vezes nem contemplada. Nesse sentido, as estratégias se assemelham às utilizadas para a confecção dos portais.

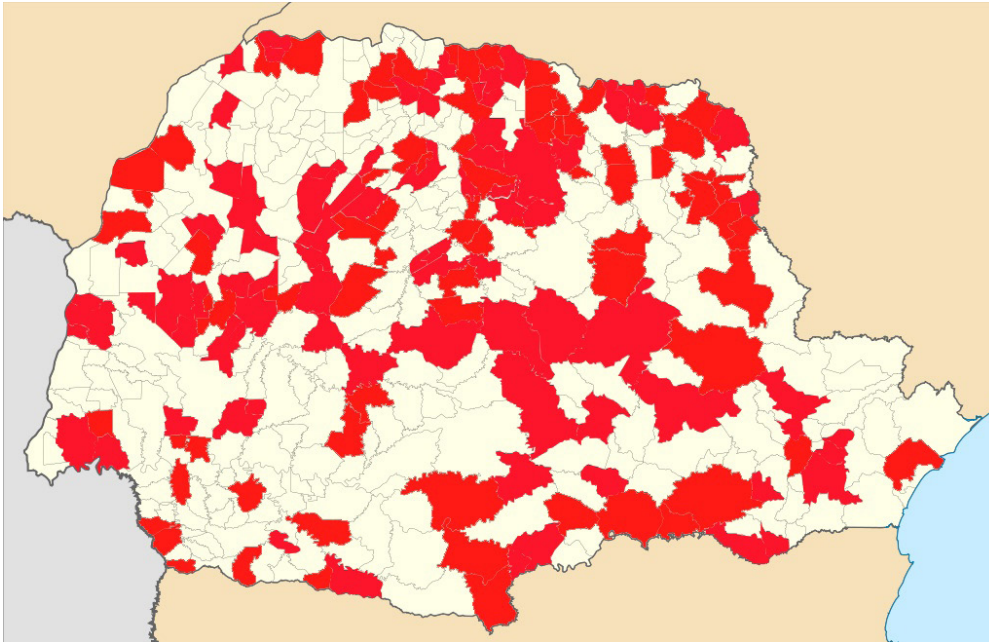


Figura 01: Mapa da divisão administrativa do Estado do Paraná com indicação em vermelho dos municípios com portais nas entradas rodoviárias.
Fonte: Google Maps, trabalhado pelos autores.

7



Figura 02: Letreiro na entrada do município de Wenceslau Braz, na rodovia PR-092.
Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016.



Figura 03: Totens na entrada do município de Maringá, nas proximidades da rodovia BR-376.
Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016.



Figura 04: Marco na entrada do município de Apucarana, na rodovia BR-376.
Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016.



Figura 05: Marco na entrada do município de Bituruna, na rodovia PR-446. Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016.

9



Figura 06: Marco na entrada do município de Carambeí nas proximidades da rodovia PR-151. Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016.



Figura 07: Marco na entrada do município de Farol na rodovia BR-272.
Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016.

10

Os 89 portais então encontrados pelas rodovias do Paraná podem ser classificados em dois grandes conjuntos, de acordo com a inspiração compositiva: o mais homogêneo é composto por aquelas estruturas que empregam basicamente a geometria para modelar o arranjo espacial; os pertencentes ao segundo grupo caracterizam-se pelo entusiasmo temático que, em razão da variedade de situações, justifica subdivisões.

Os portais de composição geometrizada abstraem-se das características locais para explorar a infinidade espacial que a junção de retas, curvas, planos, prismas, ângulos, paralelismo e inclinações possibilita. A contenção imaginativa se estabelece pelo estrito seguimento às proposições euclidianas. De certo modo, são esquemas simplórios, quase bidimensionais, que se repetem com frequência (Figuras 08 e 09).

Utilizando-se dessa forma convencional, alguns portais inserem elementos identitários em suas estruturas, como o brasão municipal em Nova Cantu e Tamarana (Figura 9.2 e 9.4). Mas também podem fazer uma referência à história da cidade, como

o exemplo de Ourizona (Figura 9.1), que apresenta o desenho de um ramo vegetal, remetendo à origem da cidade na franja pioneira do “ouro verde”, uma “denominação dada por Nicolau Nasser, um dos colonizadores do atual município, em homenagem aos extensos cafezais que proliferavam na região” (FERREIRA, 1999, p. 204).

Os poucos exemplares que apresentam variação acrescentam mais uma dimensão à estrutura (Figura 10), solução que, entretanto, não altera a lógica cartesiana. Assim como nos casos anteriores, esses ainda fazem referência a aspectos caros ao imaginário popular, mas de forma mais abstrata, como é o caso de Assis Chateaubriand (Figura 10.1), cujo desenho do seu elemento superior de fechamento faz referência ao arquétipo de telhado de uma casa de duas águas e materializa o slogan “Morada Amiga”, difundido pela prefeitura⁴. Ou como ocorrido com o polêmico caso do município de Perobal (Figura 10.2), onde o ex-prefeito

⁴ Disponível em: <http://www.assischateaubriand.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368k-cb0&id=1349>



Figura 08: Portais nas entradas dos municípios paranaenses:

1. Alvorada do Sul, na rodovia PR-090;
2. Bandeirantes, nas proximidades da rodovia BR-369;
3. Diamante do Norte, na rodovia PR-557;
4. Miraselva, na rodovia PR-534.

Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016.



Figura 09: Portais nas entradas dos municípios paranaenses:

1. Ourizona, na rodovia PR-552;
2. Nova Cantu, na rodovia PR-239;
3. Santana do Itararé, nas proximidades da rodovia PR-272 (incompleto);
4. Tamarana, na rodovia PR-445.

Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016.



Figura 10: Portais nas entradas dos municípios paranaenses:

1. Assis Chateaubriand, na rodovia PR-239;
2. Perobal, nas proximidades da rodovia PR-323;
3. Ibema, na rodovia PR-471; 4. Santa Tereza do Oeste, na rodovia BR-277.

Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016

12

Almir de Almeida foi punido por, em sua gestão, ter construído esse portal cuja materialização “deixa evidente as iniciais de seu nome e sobrenome (as letras “A” e “L”)", fazendo uma “promoção pessoal com recursos públicos” (TCEPR, 2017).

O segundo conjunto exhibe maior diferenciação interna devido à amplitude de estratégias empregadas para animar o projeto. Desse modo, métodos construtivos, organização estrutural, materiais e dimensões também se alternam com bastante intensidade. E, longe de representar um avanço estético, cultural, técnico e/ou social, são esses portais que mais perigosamente exemplificam o tensionamento simbólico que se tem promovido nas rodovias paranaenses.

Primeiramente, poder-se-ia afirmar que a retórica adotada promove uma infantilização da paisagem, dado os recursos resgatados. Assim, a inspiração na identidade local (Figura 11) pode ser vislumbrada nos exemplos de Astorga (11.1), que escolheu a forma de um violão como homenagem a uma dupla sertaneja

de repercussão nacional nascida na cidade, e de Lobato e Farol (Figuras 11.2 e 11.3), cujas formas figurativas fazem referência direta aos seus nomes. Contudo, a conexão com a economia regional, constitui-se em amostras evidentes desse excesso caricato, como acontece com o município de Cianorte (Figura 12.1), que, ao se transformar em um polo industrial nacional de confecções, emprega elementos desse setor da economia para marcar a paisagem de quem trafega por esse ponto da cidade. O mesmo para Marialva (Figura 12.2), com um “parreiral”, que valoriza sua respectiva produção agrícola. Por outro lado, existe uma aproximação arriscada de temas religiosos (Figura 13), que os afastam de uma desejável concepção laica do Estado.

Contudo, aqueles portais que se utilizam de recursos memorialísticos evidenciam mais diretamente as intenções de certos grupos sociais de agregar um valor referencial e emotivo a essas construções. Nesse sentido, procuram invocar uma peculiar visão da comunidade para transformá-la em experiência coletiva, representativa. Caracterizados por um apelo revivalista, trafegam em



Figura 11: Portais nas entradas dos municípios paranaenses:

1. Astorga, na rodovia PR-218;

2. Lobato, na rodovia PR-461;

3. Farol, nas proximidades da rodovia BR-272.

Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016

13



Figura 12: Portais nas entradas dos municípios paranaenses:

1. Cianorte, na rodovia PR-323;

2. Marialva, nas proximidades da rodovia BR-376;

3. Santa Fé, na rodovia PR-317.

Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016



Figura 13: Portais nas entradas dos municípios paranaenses:
 1. Bom Sucesso do Sul, no trecho urbano da rodovia PR-918;
 2. Cruzeiro do Oeste, no trecho urbano da rodovia PR-323.
 Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016

14

distintas direções historicistas: uma parcela investe na recuperação de arquétipos da arquitetura clássica e barroca que, de certa forma, se conecta com o que tem ocorrido nas grandes cidades brasileiras, em que a arquitetura neoclássica tem sido empregada para decorar edifícios verticais, procurando traduzir a ascensão social de seus moradores. Tais portais se assemelham muito entre si, pela aplicação de ornamentação em simples estrutura de vigas-colunas (Figura 14).

Marcante abordagem se manifesta pela da aproximação com modelos estrangeiros estereotipados, planejando uma religação com o passado histórico de imigrantes que ali se estabeleceram (Figura 15). Veja-se o caso de Rolândia (Figura 15.4), cujas terras em plena frente pioneira do café foram desbravadas por colonos alemães em estreito contato com o país germânico e ainda mantém em seu nome a homenagem ao guerreiro medieval, sobrinho de Carlos Magno (IBGE, 1959, p. 442); a edificação rodoviária materializa efusivamente as tradições europeias, com

os telhados em grandes inclinações e paredes com detalhados acabamentos. Tais portais também se singularizam pelo porte físico que atingem, muitas vezes em razão da adição de funções correlatas, de apoio ao visitante, por exemplo. Por fim, também são encontrados portais que promovem uma releitura de motivos históricos, em direção aos princípios do movimento pós-moderno (Figura 16).

É interessante assinalar que a inserção desses portais na paisagem evidencia uma estratégia de maximizar sua visibilidade. Em geral, localizam-se no início do perímetro urbano, afastados de edificações que possam competir pelas atenções dos passantes. Nesse sentido, a escolha do local é também uma forma de aumentar o prestígio da obra. Por fim, outro fato distintivo que contribui para realçar a estrutura implantada advém do tratamento simplório do espaço livre do entorno: comumente, um tapete de grama e alguns arbustos definem esse encontro com o chão.



Figura 14: Portais nas entradas dos municípios paranaenses:

1. Cafeara, na rodovia PR-543;
2. Califórnia, na rodovia PR-340;
3. Cândido de Abreu, nas proximidades da rodovia BR-487;
4. Itambaracá, na rodovia PR-517.

Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016.

15



Figura 15: Portais nas entradas dos municípios paranaenses:

1. Imbituva, na rodovia BR-153;
2. Marechal Cândido Rondon, nas proximidades da rodovia BR-163;
3. Piên, nas proximidades da rodovia PR-420;
4. Rolândia, nas proximidades da rodovia PR-323.

Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016.



Figura 16: Portais nas entradas dos municípios paranaenses:
 1. Ponta Grossa, nas proximidades da rodovia BR-376;
 2. Marilândia do Sul, na rodovia BR-376.
 Fonte: Google Street View, acesso em julho de 2016.

16

5. UMA BREVE REFLEXÃO FINAL

No Estado do Paraná, a ancestral experiência de demarcar a paisagem encontrou abrigo na instalação de portais nas entradas rodoviárias de alguns de seus municípios. Talvez, possa ser uma realidade que se estenda por todo o território nacional, em virtude do contínuo apoio governamental; não obstante, nessa circunscrição estadual, ganhou destacada proeminência, que incita uma reflexão sobre seus resultados práticos e simbólicos.

A classificação apresentada permite afirmar que tais estruturas cumprem as prerrogativas apontadas por Lynch (1997) para serem consideradas como marcos urbanos: são distintas, singulares, destacadas de seu entorno, constituídas em associação a alguma ideia, ou seja, possuem uma imaginabilidade inquestionável. Contudo, tal intensidade evocativa, utilizando-se da obviedade, incorre no empobrecimento de seu potencial catalisador, tornando-as entediadas, se não irritantes, ao longo do tempo.

De qualquer forma, despertam emoções e, dessa maneira, desempenham seu papel de monumento, em sua acepção mais simples. Entretanto, procurou-se demonstrar, por meio deste ensaio, que muito do que se tem edificado a ser saudado como representativo, ao contrário, manifesta uma leitura enviesada da realidade local que se quer fazer dominante. Ademais, dado o seu apelo simbólico e a dificuldade de contrapor seu argumento imagético, essas estruturas acabam sendo incorporadas ao cotidiano coletivo, acriticamente. A paisagem resultante evidencia uma ativa disputa pela comunicação de conteúdos específicos, ainda que disfarçados pela sua invocação do senso comum.

Todavia, não foi o propósito desse texto fechar a questão suscitada. A ideia enveredou por provocar o leitor a um olhar mais atento para as marcas que estamos construindo em nossas paisagens; dividir uma inquietação, talvez fomentar uma possível perspectiva de pesquisa, pois novos portais continuam a ser concebidos e edificados pelas administrações municipais. Portanto, querendo

ou não, gostando ou não, eles se constituem expressão de nosso estágio comunal. Nesse sentido, como imaginar outra perspectiva se é desse modo que nos compreendemos? Estaríamos malformados, como expõe Giulio Carlo Argan na epígrafe? Seríamos desatualizados, de acordo com Françoise Choay? Consciência e uma atitude mais generosa frente ao potencial da paisagem como resultado daquilo que somos e de como seremos entendidos torna-se, portanto, uma questão-chave para nosso futuro, já que o presente assim nos revela. Contudo, seria esse tema relevante diante de tantos problemas estruturais que nos cercam? De outro ponto de vista, caberia indagar: o Estado do Paraná tornou-se mais turístico com esses exemplares? Parece que não. De qualquer forma, não existem dados para provar. Mas o sentimento de que tal conjunto de monumentos nos elevam a um patamar anedótico superior não carece de quantificações estatísticas: as imagens provam por si, como diz o ditado mais que conhecido. Certamente, os recursos públicos mereceriam melhor destino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, G. C. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9283: *mobiliário urbano*. Rio de Janeiro: ABNT, (1986).
- BARTALINI, V. Natureza, paisagem e cidade. In: *Revista Pós*, v. 20, n. 33, junho, São Paulo, 2013.
- BESSE, J. M. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. *Portaria 182, de 28 de Julho de 2016*. Estabelece regras e critérios para a formalização de instrumentos de transferência voluntária de recursos, para execução de projetos e atividades integrantes do Programa Turismo e respectivas Ações Orçamentárias, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/legislacao/?p=1070>. Acesso em 26 de agosto de 2016.
- CARERI, F. *Walkscapes*. O caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2013, 2013.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove – a paisagem e as imagens. Espaço e Cultura, UFPR, RJ, n. 29, 2011, p. 7 – 21. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3528/2454>. Acesso em 26 de julho de 2016.
- CORRÊA, R. L. Monumentos, política e espaço. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ., 1998.
- DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- FERREIRA, J. C. V. *Cidades brasileiras: Origem e Significado de seus nomes*. Curitiba: J. V. C. Ferreira, 1999.
- HERTZBERGER, H. *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- HIRATA, E. F. Monumentalidade e representações do poder de uma pólis colonial. In: FLORENZANO, M. B. B.; HIRATA, E. F. (Orgs.) *Estudos sobre a cidade antiga*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2009.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. XXXI Volume. IBGE: Rio de Janeiro, 1959.
- KERSTEN, M. S. A. *Os rituais do tombamento e a escrita da História*. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.
- KOSTOF, S. *The City Shaped – Urban Patterns and Meanings Through History*. New York: Bulfinch Press, 1991.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1960].
- MASSEY, D. Um sentido global de lugar. O espaço da diferença. Campinas, SP: Papi-rus, 2000 [1991].
- MEINIG, D. W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. *Espaço e Cultura*, UFPR, RJ, n. 16, 2003 [1976]. p. 35 – 46. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7762/5610>, Acesso em 26 julho 2016.
- NOGUÉ, J. *La construcción social del paisaje*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, S. L., 2007.
- PANZINI, F. *Projetar a natureza. Arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.
- RIBEIRO, R. W. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- Tribunal de Contas do Estado do Paraná (TCEPR). Punido prefeito de Perobal, por utilizar as iniciais de seu nome em portal, 2017. Disponível em: <https://www1.tce.pr.gov.br/noticias/punido-prefeito-de-perobal-por-utilizar-as-iniciais-de-seu-nome-em-portal/5432/N>. Acesso em 09 de março de 2021.
- VENTURI, R.; BROWN, D. S.; IZENOUR, S. *Aprendendo com Las Vegas. O simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

Alessandro Filla Rosaneli
Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em
Planejamento Urbano e do Programa de Pós-Graduação em Geografia.
Centro Politécnico, Curitiba, PR – Brasil 802210-170
<https://orcid.org/0000-0002-8922-5649>
alessandrofilla@ufpr.br

Gabriela Pereira Mendonça de Almeida
Universidade Federal do Paraná.
Centro Politécnico, Curitiba, PR – Brasil 802210-170
<https://orcid.org/0000-0002-5961-9153>
gabrielapmalmeida@gmail.com

Nota do Editor
Submetido em: 24/01/2020
Aprovado em: 16/02/2021
Revisão: RMO